Missões
Revista de Ciências Humanas e Sociais

PERFORMAÇÃO MONETÁRIA E O DEVIR NEGRO DO MUNDO

PERFORMACIÓN MONETARIA Y EL DEVENIR NEGRO DEL MUNDO

MONETARY PERFORMATION AND THE BECOMING-BLACK OF THE WORLD

Recebido em: 30/01/2026
Aceito em: 30/04/2026
Publicado em: 02/06/2026

Ludmila Helena Rodrigues dos Santos[1]
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo: A PerformAção monetária busca, por meio de um texto que propõe uma criação visual que tem por objetivo uma emersão de visibilidade específica, capaz de representar a discussão sobre devir negro do mundo do autor Achile Mbembe, a criação e circulação de uma cédula monetária corrompida no valor de 111 reais. Trata-se, portanto, de uma reflexão artística-acadêmica acerca da temática étnico-racial, principalmente no tocante à exploração, espoliação, fetichização, consumo e desvalorização dos corpos negros, tendo como principal referencial o autor Achile Mbembe e a conceituação de um devir negro do mundo que evidencia a precarização como padrão global. Metodologicamente, classifica-se como uma pesquisa-criação, baseada em pesquisa bibliográfica e documental que embasa a criação, a ideia de circulação e a discussão que a criação desta cédula monetária busca suscitar. Espera-se, como resultados, contribuir à discussão teórica sobre as questões étnicas-raciais e subalternização de corpos, provocando uma reflexão que se apoia no valor real dos corpos negros ao longo da história e sua luta diária, concluindo que há uma universalização da precariedade capaz de se fazer entender com a provocação da PerformAção Monetária, que expressa a necropolítica do devir-negro dos corpos subalternizados.

Palavras-chave: Pesquisa-criação; Racismo; Necropolítica; Devir-negro; Achile Mbembe.

Resumen: La PerformAcción monetaria busca, por medio de un texto que propone una creación visual con el objetivo de una emersión de visibilidad específica, capaz de representar la discusión sobre el devenir negro del mundo del autor Achille Mbembe, la creación y circulación de un billete monetario corrompido por valor de 111 reales (moneda brasileña). Se trata, por lo tanto, de una reflexión artístico-académica sobre la temática étnico-racial, principalmente en lo que respecta a la explotación, despojo, fetichización, consumo y desvalorización de los cuerpos negros, teniendo como principal referente al autor Achille Mbembe y la conceptualización de un devenir negro del mundo que evidencia la precarización como estándar global. Metodológicamente, se clasifica como una investigación-creación, basada en investigación bibliográfica y documental que fundamenta la creación, la idea de circulación y la discusión que la creación de este billete monetario busca suscitar. Se espera, como resultados, contribuir a la discusión teórica sobre las cuestiones étnico-raciales y la subalternización de cuerpos, provocando una reflexión que se apoya en el valor real de los cuerpos negros a lo largo de la historia y su lucha diaria, concluyendo que existe una universalización de la precariedad capaz de hacerse entender con la provocación de la PerformAcción Monetaria, que expresa la necropolítica del devenir-negro de los cuerpos subalternizados.

Palabras-chaves: Investigación-creación; Racismo; necropolítica; Devenir-negro; Achille Mbembe.

Abstract: Monetary Performation seeks, through a text proposing a visual creation aimed at a specific emergence of visibility, to represent the discussion on the becoming-black of the world by author Achille Mbembe, through the creation and circulation of a corrupted 111-real banknote. It is, therefore, an artistic-academic reflection on ethno-racial themes, particularly regarding the exploitation, spoliation, fetishization, consumption, and devaluation of Black bodies, taking as its primary framework the concept of a becoming-black of the world that highlights

[1] Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) no curso de Ciências Sociais modalidade presencial e EAD, Orientadora na Pós-graduação *Latu Sensu* em Educação Especial desta mesma instituição e doutora pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisadora filiada a distintos projetos de pesquisa e extensão na área de Ciências Humanas e Sociais. E-mail: ludmila.santos@uems.br

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

precarization as a global standard. Methodologically, it is classified as research-creation, based on bibliographic and documentary research that supports the creation, the idea of circulation, and the discussion that the issuance of this banknote seeks to provoke. The expected results are to contribute to the theoretical discussion on ethno-racial issues and the subalternization of bodies, prompting a reflection grounded in the real value of Black bodies throughout history and their daily struggle, concluding that there is a universalization of precarity that can be understood through the provocation of Monetary Performation, which expresses the necropolitics of the becoming-black of subalternized bodies.

Keyword: Monetary Performation; Becoming-black of the world; Achille Mbembe; Research-creation; Necropolitics.

INTRODUÇÃO

A proposta de uma PerformAção monetária concebida, planejada, projetada e problematizada na forma de ensaio acadêmico visa dinamizar as discussões acerca das questões étnico-raciais, principalmente as questões tocantes ao racismo estrutural e etnocídio histórico do povo negro, mas também como o capitalismo contemporâneo desvaloriza os grupos subalternos promovendo uma necropolítica e a eliminação de direitos destes sujeitos, constituindo um devir-negro por meio da expansão desta racionalidade que capitaliza e separa humanos de sub-humanos, criando "novos negros". Para tal, propõe-se a criação e (possível) circulação de um objeto artístico que convida a uma visibilidade específica, que veicula, pelo seu sentido simbólico, a circulação de valores (econômicos, culturais e sociais) e uma reflexão artística-acadêmica acerca da temática étnico-racial, principalmente no tocante à exploração, espoliação, fetichização, consumo e desvalorização dos corpos negros e/ou subalternizados, tendo como referencial o autor Achile Mbembe, mostrando que a desvalorização econômica destes corpos informa um devir-negro do mundo.

A proposta materializa visualmente uma cédula que faz referência à nota de 1 real (valor mínimo de circulação de valor na forma de papel-moeda, cuja nota já saiu de circulação em função do seu baixo valor econômico) reconfigurada de maneira provocativa, de modo a evocar fatos históricos e cotidianos (existentes e persistentes), (des)valorizações e (des)personificações que atingem desde sujeitos tidos como referências nacionais até os 111 nomes descorporificados pela máquina racista e genocida do Estado, que invalida e tira de circulação corpos subalternizados.

Esta criação visual e tátil (por ser possível de ser impressa e realizada) evoca um sentido artístico, em uma perspectiva em que estética e ética não são terminologias apartadas, mas inter-relacionais, capazes de determinar existências, valorizações e uma política dos "corpos que importam", que alcança nossos sentidos e é alvo da nossa inteligibilidade.

Circular visões e monetizá-las, atrelá-las à lógica do capital e evocar uma democracia ilustrada parece ecoar a fala de Paul Klee: "pois bem, falta o povo". Contudo, esta constatação

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

não é estática, e exatamente por isso é possível entender, tal como interpreta Deleuze ao pensar "o ato de criação", que "o povo falta e ao mesmo tempo não falta" (Deleuze, 2013, p. 291).

Nessa alternância de presenças ilustradas e faltas não contabilizadas, a racialização dos corpos e o ato de criação do negro como outridade foram essenciais ao desenvolvimento do capitalismo. Este mesmo movimento não contabiliza historicamente a presença do negro como "homem-objeto, homem-mercadoria e homem-moeda", processo que nos permitiria entender tanto como se opera o "devir negro do mundo" - tendo em mente a "globalização dos mercados, a privatização do mundo sob a égide do neoliberalismo e a crescente complexificação da economia financeira, do complexo militar pós-imperial e das tecnologias eletrônicas e digitais" (Mbembe, 2018, p. 15), como a sua emergência colada à persistência e ampliação da necropolítica, esta, por sua vez, apoiada em uma "democracia que falta".

Assim, a criação visual desta cédula monetária sem valor econômico busca circular sentidos diversos, sensíveis e inteligíveis acerca destas questões conceituais e históricas a partir de um recorte e de vivências localizadas, de imagens e de valores que contabilizam corpos reais: existentes, resistentes e reexistentes.

PROJETO: CÉDULAS 111 REAIS

DESCRIÇÃO

O projeto desta cédula parte da coincidência (?) numérica de dois eventos marcantes para compreensão de alguns questionamentos e debates que trazem à tona a questão do racismo, do colonialismo e da necropolítica, a saber: o Massacre do Carandiru e a Chacina de Costa Barros.

O primeiro evento, conhecido como "Massacre do Carandiru", faz referência ao genocídio da população carcerária ocorrido na Casa de Detenção de São Paulo, em 1992, que causou a morte de 111 detentos (número oficial). Na ocasião, a intervenção violenta da Polícia Militar do Estado de São Paulo no presídio foi justificada pela necessidade de conter uma rebelião interna. O evento repercutiu e ganhou notoriedade pela truculência e impunidade dos envolvidos.

Nos números oficiais registrados, nem todos os mortos eram pretos ou pardos, mas recorrendo à letra da música de Caetano Veloso e Gilberto Gil, e pensando que nada é mais clichê que a enunciação de verdades, temos uma possível compreensão da incorporação de cor a um processo de racialização dos corpos e a extração da negritude como uma designação de outridade, ocasionando sua desumanização:

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

[...] 111 presos indefesos
Mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos
Ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres
E todos sabem como se tratam os pretos [...]
(Veloso; Gil, 1993).

Objetivamente, segundo dados do Infopen (2018), o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo. Informações do "Sistema Prisional em Números" (2019), divulgadas pela Comissão do Ministério Público, estimam que a população carcerária seria de 729.949 presos distribuída por 437.912 vagas nos diversos presídios, o que implica em uma taxa de 166% de superlotação carcerária.

Entre os presos, 61,7% são pretos ou pardos (é preciso destacar que 53,63% da população brasileira se autodeclara com esta característica). 75% dos detentos possuem "até o ensino fundamental", fator indicador de um perfil de baixa renda.

Ante o exposto, o cenário brasileiro ilustra muitas das preocupações teóricas aqui atravessadas de maneira pungente – o plano discursivo se solidifica em materialidades vivas. Miremos especialmente o processo que "torna um corpo negro" este devir-negro que abrange corpos subalternizados, destituídos de sua humanidade, desintegrando humanidades.

Ainda na levada musical, a letra do "Diário de um detento" (Racionais Mc's) nos move de uma situação a outra, quando pensamos a coincidência numérica dos 111 presos e dos 111 tiros (sendo 81 de fuzil e 30 de pistola) disparados pela Polícia Militar do Rio de Janeiro num carro de passeio com 5 jovens negros, moradores do Morro da Lagartixa, no ano de 2015. O episódio ficou conhecido como Chacina de Costa Barros.

Aqui estou, mais um dia sob o olhar sanguinário do vigia
Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK
Metralhadora alemã ou de Israel
Estraçalha ladrão que nem papel [...]
(Prado; Brown, 1998).

Dentro do presídio ou em um carro particular voltando para casa, o racismo e suas determinações e vigilâncias reafirmam constantemente que "um negro é um negro". Mesmo que sejam jovens que voltavam de um passeio, desarmados. A um corpo tomado como negro não se aplica a "Declaração Universal dos Direitos Humanos". Sua desumanização não lhe permite a liberdade e a igualdade no que tange à dignidade e aos direitos. Tampouco o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A construção de corpos negros implica, pois, nesta desconfiança, na destituição de humanidade, em uma criminalidade latente, em uma resistência perigosa. Esta diferenciação permite sua coexistência, mas não sua comunhão.

O racismo estrutural e a necropolítica liberal precisam deste corpo vigiado, deste sangue coagulado (sangue quando coagula, escurece). Desta maneira atua a necropolítica nestes seres negativados: corpos cuja vida pode ser extirpada, subtraída, já que se referem a seres humanos sem lastro, cuja desvalorização permite sua extinção, substituição e extensão a outros corpos capazes de gerar valor econômico ao serem destituídos de valor humano.

A igualdade tem que funcionar como um falso positivo – categoria capaz de estipular e quantificar esta humanidade e a desumanidade. Há, portanto, esta extração de diferença que implica no alvejamento/dizimação ética e estética, física e metafísica, ontológica e cosmológica e na instituição deste lugar de exterioridade com relação ao corpo prototípico patriarcal:

> [...] neste contexto, o cidadão é redefinido como sujeito e beneficiário da vigilância, que é exercida de forma privilegiada por meio da transcrição das características biológicas, genéticas e comportamentais em registros digitais (Mbembe, 2018, p. 53).

Como de praxe, na Chacina de Costa Barros, o caso foi registrado com um "auto de resistência": a justificativa do homicídio alega a necessidade de intervenção policial por conta da troca de tiros. Saldo da troca: 111 a 0 para a PM.

111 não podem ser esquecidos. Qual o valor real de 111 corpos? Como se dá a quantificação de 111 tiros? Que corpo é este que é alvejado por 111 disparos? Que superfície mantém sua integridade com 111 buracos? Qual lastro histórico contabiliza estes homens?

Alvejado, no contexto da contagem de corpos que importam e corpos que não importam, carrega então seu duplo significado – por um lado, tomado como ponto de mira, por outro lado, tornado mais branco, branqueado. Na impossibilidade de branquear certos corpos, alveja-se no extermínio. Por uma questão física, 111 tiros descorporificam.

PROJETO DA CÉDULA [2]

Confecção: tiragem de 111 cédulas.

Circulação: Livre e/ou direcionada a instituições que discutam questões étnico-raciais.

Forma de envio: 111 cartas comuns

[2] Agradeço a Gabriel Cardoso Martins, pelo auxílio na criação visual da nota.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

IMAGEM 1 – 111 REAIS SEM FURO[3]



Fonte: Arquivo pessoal.

Criação de uma identidade visual baseada na nota de 1 real (menor valor de circulação do nosso atual papel-moeda). Desde 2005 o Banco Central deixou de emitir cédulas neste valor pelo alto de custo de produção para manutenção de sua circulação.

Em vez de aparecer representada a Efígie da República, conhecida por Marianne – uma figura alegórica que simboliza a "Liberdade da República Francesa" inspirada na obra de Delacroix intitulada "A Liberdade Guiando o Povo" (1830), na nota de 111 reais aparece a figura de Zumbi dos Palmares - ícone da resistência negra à escravidão assassinado em 20 de novembro de 1625.

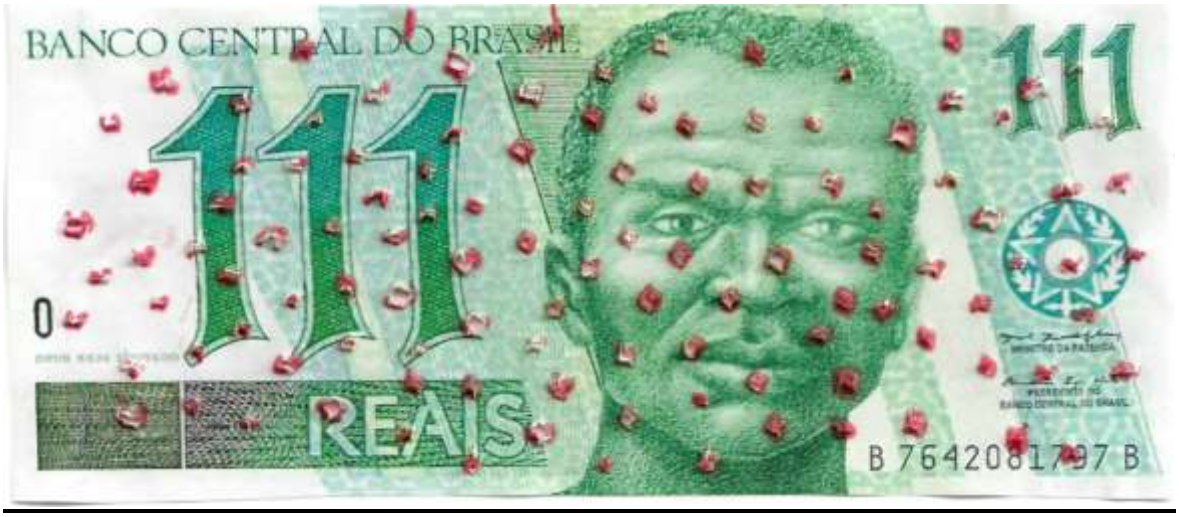
Importante destacar que a circulação da figura de Zumbi busca uma contraposição a Marianne e à noção de "liberdade que guia um povo" adotada na moeda nacional. Apesar de sua importância histórica – lembrando que o dia de sua morte ganha status e celebração nacional como o "Dia da Consciência Negra" - a imagem de Zumbi não é tão vista, promovida ou mesmo reconhecida, levando em consideração, por exemplo, que nosso papel-moeda celebra um ícone da "Liberdade da República Francesa".

[3] Para todos verem: nota monetária com identidade visual da nota de 1 real, cor verde com fundo branco, com valor modificado para 111 reais e como imagem central aparece uma foto de Zumbi dos Palmares.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

IMAGEM 2 – 111 REAIS COM FUROS[4]



Fonte: Arquivo pessoal.

Buscando uma referência aos episódios relatados: o Massacre do Carandiru e a Chacina de Costa Barros, e a atualização de perguntas como "que superfície mantém sua integridade com 111 buracos?" e "como se processa a desvalorização que extrai de um corpo a negritude que o estigmatiza?", este segundo projeto é fruto da obsessão pelo horror numérico cujo absurdo a imaginação não alcança, pelo excesso de perfurações e pela falta de espaço, e, por isso, há a execução de 111 furos na cédula original.

A intenção também se baseia no fato de que as cédulas monetárias, quando perdem sua integridade, ou seja, quando danificadas, são destituídas de seu valor financeiro e saem de circulação.

O processo de produção não pode ser omitido nesta compreensão tátil: os buracos foram feitos com um prego quente e, durante a sua feitura, evidenciaram a dificuldade de encontrar "áreas livres" – já que era preciso calcular como executá-los sem, contudo, desintegrar a nota. Também vale a menção ao cheiro de ferro e tinta queimados. No final, o verso da nota foi pintado de vermelho, buscando um efeito sanguíneo, mas coagulado.

[4] Para todos verem: nota monetária com identidade visual da nota de 1 real, cor verde com fundo branco, com valor modificado para 111 reais e como imagem central aparece uma foto de Zumbi dos Palmares. Ao longo da nota aparecem 111 furos com borda vermelha, representando tiros.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

JUSTIFICATIVA: O PORQUÊ DESTA NOTA: ESTÉTICA, VALOR, DESINTEGRAÇÃO

A circulação de papel-moeda está vinculada ao seu lastro financeiro, ou seja, toda sua produção deve estar respaldada na produção de riqueza do país – uma vez que é necessária uma equivalência entre a reserva nacional e a produção e circulação de suas moedas.

Em termos abrangentes, a circulação de uma nota e o seu valor financeiro dizem de um intrincado mecanismo que determina muito além do seu número monetário expresso, mas resulta das relações e políticas econômicas de determinado território.

No Brasil, vivemos distintos períodos de desvalorização monetária expressas por crises financeiras, que culminaram na substituição da moeda vigente baseadas em novos planos econômicos que, por sua vez, intencionaram reestruturar a dinâmica do mercado interno.

Esta dinâmica da circulação e indexação de valores monetários trouxe, ao longo da história, distintas feições e denominações à moeda brasileira como, por exemplo, o Cruzeiro Novo, Cruzado, Cruzado Novo, Cruzeiro Real e Real.

Cada uma destas experiências trazia novas estratégias econômicas representadas por uma estética própria – uma nova nominação, identidade visual, diagramação e emersão de visibilidades figuravam/figuram na representação do papel-moeda brasileiro. Permitindo uma afirmação contraditoriamente verdadeira, tudo se modifica, mas, constantemente, pouca coisa muda de fato.

Em cada uma destas experiências, sujeitos tidos como personalidades nacionais são visibilizados: imperadores, militares, ex-presidentes, cientistas, escritores, acadêmicos e, atualmente, animais da fauna brasileira - expressando a riqueza simbólica da ausência: a apropriação de uma natureza exótica, exuberante, exaltada e dizimada pelas prioridades políticas do capital.

Já que ressaltamos a presença da ausência, no rol das personalidades brasileiras representativas e estampadas nas moedas nacionais ao longo da história, apenas figura uma persona negra, o escritor Machado de Assis, que estampava a nota de mil cruzados. A designação de persona não é um mero artifício retórico, já que nesta nota vemos uma possível ilustração literal do provocante título do livro de Fanon (2008): Pele negra, Máscaras brancas.

O processo nítido de embranquecimento do importante literato diz de um movimento histórico que alveja, apaga e dissimula a constituição negra na história e identidade brasileiras:

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

IMAGEM 3 – 1000 CRUZADOS ANVERSO[5]



Fonte: Numismata. Disponível em: https://pt.numista.com/204093. Acesso em: 16 jul. 2025.

Ora, no processo de desumanização e de criação do negro é preciso omitir características para a figuração de um corpo, de uma humanidade, ou, neste caso em particular, para retratar uma personalidade nacional.

> Aliás, é típico da raça ou do racismo sempre suscitar ou engendrar um duplo, um substituto, um equivalente, uma máscara, um simulacro. Um rosto humano autêntico é convocado a aparecer. O trabalho do racismo consiste em relegá-lo ao segundo plano ou cobri-lo com um véu. No lugar deste rosto, faz-se emergir das profundezas da imaginação um rosto de fantasia, um simulacro de rosto e uma silhueta que, desse modo, tomam o lugar de um corpo e um rosto humanos. O racismo consiste, pois, em substituir algo que é por algo diferente, uma realidade diferente (Mbembe, 2018, p. 69).

O sujeito é negro, mas a aparência, a linguagem, a episteme, os costumes, a produção de valores, a moeda, etc. precisam remeter ao colonizador. Vemos desenhada na moeda de circulação nacional esta alienação colonial que aparta e extrai de um corpo a categorização de negro como uma diferença que deve ser apagada.

O sujeito é racial, portanto, a diferença lhe é sistematicamente extraída, já relatava Fanon ao (re)conhecer o estranhamento e o terror que seu corpo causava na criancinha francesa. A imposição da outridade, a exploração e o saqueamento colonial territorializavam-se no seu corpo, ultrapassando a localização geográfica de sua terra natal, este extrativismo não é só econômico, mas ontológico, psíquico:

[5] Para todos verem: imagem fotográfica do anverso da nota de mil cruzados estampada com a figura do escritor Machado de Assis. À esquerda, sobreposto ao emblema da Academia Brasileira de Letras, aparece um trecho manuscrito do capítulo XXXII - *Os Reformados*, de um de seus livros, *Esaú e Jacó* (1904).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> Onde me situar? Ou melhor, onde me meter? Martinicano, originário de "nossas" velhas colônias. Onde me esconder? Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós... Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! Nas proximidades do branco, no alto os céus se desmantelam, debaixo dos meus pés a terra se arrebenta, sob um cântico branco, branco. Toda essa brancura que me calcina... Sento-me perto da fogueira e encontro minha libré. Não a tinha percebido antes. Ela é realmente feia. Mas atenção, pois quem saberá me dizer o que é a beleza?! (Fanon, 2008, p. 106-107).

Assim, a ilustração de um negro embranquecido no papel-moeda brasileiro também expressa a marcação simbólica da ausência impressa da riqueza nacional. A celebração estética da corporificação do colonialismo desenvolvimentista figura na criação exuberante de faltas: sujeitos que faltam, uma natureza que falta, um povo que falta, uma política sem dissenso - pois falta também a alteridade. O devir negro do mundo se desenha historicamente nas mais distintas representações simbólicas-literais cuja marcação epidérmica também falta, ainda que a extração desta negritude sobre.

Se a modernidade criou condições de possibilidade de criação do negro como valor destituído de humanidade, o desenvolvimento do capitalismo, da economia neoliberal e suas relações de consumo (nominadas por alguns autores como condição pós-moderna) permitem a expansão destes artifícios de destituição de corpos. Multiplica-se deste modo tanto a vivência da desvalorização simbólica, ontológica e cosmológica constitutiva da criação e percepção (estética e ética) do negro como o processo de transformação de alteridade (diferença constitutiva de outro humano) em outridade (desumanização calcada em uma diferença absoluta, capaz de produzir o alterocídio), processo nominado por Mbembe como devir negro do mundo:

> Pela primeira vez na história humana, o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação e, acima de tudo, das duas matrizes do possível que são o futuro e o tempo). A esta nova condição fungível e solúvel à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro chamamos o devir- negro do mundo (Mbembe, 2018, p. 19-20).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Este devir negro é assim um devir minoritário em termos deleuzianos[6] e, como tal, imprime condições de resistência evidenciando/ativando insurgências ao protótipo patriarcal, mas, simultaneamente, demonstra a generalização das condições históricas vividas pela população negra sob égide do neoliberalismo econômico, conforme evidencia Mbembe (2018).

A emersão destes devires minoritários e seus atos de existência e resistência sempre são hostis à conservação do padrão majoritário – lembrando que minoritário não se refere a uma quantificação dos corpos, mas a sua não adequação ao padrão imposto à maioria. Como tais designações dizem de uma parcela exclusiva que busca conservar seus privilégios, o padrão majoritário é aquele que não possui devir.

Desta forma, o devir negro do mundo expande e coloca uma situação de opressão, de cooptação e anulação dos corpos em função da dinâmica predatória do capital - dinâmica esta que, por sua vez, é fundamento e condição de possibilidade da conservação deste padrão majoritário que designa, define, dita padrões estéticos e circunscreve éticas próprias que expressam e se afunilam em corpos humanos, brancos, adultos, cisgênero, masculinos, ricos, letrados, cultos, fortes, atléticos, viris...

Ora, se assim se coloca o padrão, a circulação de valores se voltará a este autorreconhecimento ou à figuração narcísica deste afunilamento, comprovando, paradoxalmente, que este padrão é vazio.

Neste raciocínio, é preciso saber que a minoria é todo mundo, já que a maioria é vazia na sua forma e conteúdo (Deleuze, 1988). Assim, entende-se o que Mbembe (2018) afirma acerca do devir negro do mundo, que as condições de vida que buscam conservar e acirram os privilégios políticos e econômicos destas partes exclusivas não se aplicam a todo mundo, então, a extensão dos corpos esvaziados de si (tornados distintos, racializados, transfigurados de humanos a negros) abarca um número cada vez maior de sujeitos.

É possível retratar as exceções que confirmam a regra, ou ainda, maquiar a ausência dos atributos que tornam um sujeito mais próximo deste padrão frágil, amedrontado, incompleto, vazio.

Machado de Assis pode assim figurar como valor intelectual que incomodamente seu corpo negro representaria à nação. Por isso, é preciso recriá-lo, aproximando-o de uma identidade mais europeia, tirar dele todo traço de incivilidade que possa (a)parecer como, por

[6] Uma elucidação didática acerca do devir minoritário e do padrão majoritário, bem como a emersão de visibilidades como atos de existência e resistência, pode ser vista no vídeo "O abecedário de Gilles Deleuze", especialmente na resposta à indagação "O que é ser de esquerda?".

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

exemplo, a cor da sua pele. Estamos diante da riqueza da ausência, já discutida e trabalhada em suas distintas facetas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, o projeto de criação de uma nota que quebre este padrão de circulação de valor monetário e simbólico busca provocar e convocar à visão de corpos: à lembrança, ao não esquecimento.

Pensa, primeiramente, como reunir de maneira sensível e inteligível as visões, audições, reminiscências, atualidades de vivências e suas projeções, partindo de relatos históricos, filosóficos, filológicos e socioantropológicos que trocam Mariannes por Zumbis.

Ao falarmos do colonialismo – suas consequências cosmológicas, sociais, políticas e estéticas - não há como não pensar esta herança e permanência de um pensamento e uma valorização colonial aplicadas também ao campo da criação e da circulação de valores.

Este aparecimento de corpos que existem e resistem traz à tona o incômodo, o medo, o fantasma racial - tão fantasmagórico que sua percepção se coloca em termos de fé: "eu não acredito que exista racismo no Brasil", mas que leva o mesmo crente a odiar as religiões de matriz africana, demonizando sua fé e fazendo-o morrer de medo da entidade negra aparecer para cobrar o que lhe é devido do lado da sua cama à noite - ou no quarto de empregada ao lado, na portaria do prédio, no elevador em que o filho pequeno da empregada doméstica que foi colocado pela patroa e, ao chegar à cobertura abriu-se para a morte de mais um garoto negro[7]. Como não temer o espírito desta criança? Se ele que determina a fragilidade material e espiritual deste corpo médio, ou melhor, a cegueira deste corpo "médium" que não acredita nestas coisas.

Mas a vivência de Fanon (2020, p. 127) se repete, se renova, ganha outros corpos, tempos e espaços - a repetição funciona como um mantra, ou mais um furo na superfície deste corpo fantasmagórico e diz: "Mamãe, olhe o preto, estou com medo!".

Na circulação de imagens, os valores são visibilizados e/ou omitidos. A humanidade é desenhada na aparição destes padrões estéticos e éticos recortados (perfuradores). Que fazer

[7] Referência ao caso do menino Miguel Otávio Santana da Silva de 5 anos, que morreu ao cair do nono andar de um prédio em um bairro nobre da cidade de Recife- PE. Segundo a imprensa relatou na época (ano de 2020), "o menino acompanhava sua mãe, a doméstica Mirtes Renata Souza, no apartamento onde ela trabalhava e, segundo relatam os vizinhos, começou a chorar quando ela saiu para passear com o cachorro da patroa. Miguel resolveu ir atrás da mãe, saiu do apartamento, entrou no elevador sozinho —com o consentimento da empregadora de Mirtes —se perdeu no prédio. Em seguida, caiu de uma altura de 35 metros. A dona da casa foi detida no dia seguinte por suspeita de homicídio culposo, quando não há intenção e matar, mas saiu com pagamento de fiança e respondeu o processo em liberdade. O caso ocorre em meio aos protestos e debates contra o racismo pelo mundo" (Magri, 2020)

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

com as aparições? E quando elas insistem em circular questionando a atribuição de valores? Quais aparências são omitidas na constituição da "riqueza nacional"? Que lastro é este que não contabiliza?

Aparecer, "puxar o pé", circular, assustar, enunciar a partir de um corpo violentado, contabilizar. Aos olhos do colonizador, qualquer aparição de existência é violenta - pois caracteriza resistência e tenciona a reexistências (ou pelo menos convoca presenças). Um objeto coloca-se para perguntar: quanto valem os 111 (reais, corpos, disparos)? O que se compra com isso? Qual o preço da humanidade?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Sistema carcerário brasileiro**: negros e pobres na prisão. Brasília: Comissão de Direitos Humanos e Minorias, 2018. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao. Acesso em: 20 mar. 2026.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Sistema Prisional em Números**: 3º trimestre. Brasília: CNMP, 2019. Disponível em: https://www.cnmp.mp.br/portal/relatoriosbi/sistema-prisional-em-numeros. Acesso em: 20 mar. 2026.

DELEUZE, Gilles. O que é o ato de criação? *In*: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975–1995). Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 281–292.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**: transcrição integral do vídeo. Paris: Éditions Montparnasse, 1988. Disponível em: https://clinicand.com.br/wp-content/uploads/2021/02/Gilles_Deleuze_Claire_Parnet_Abeced_rioz-lib.org_.pdf. Acesso em: 22 mar. 2026.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MAGRI, Daniel. Tragédia nas 'Torres Gêmeas' de Recife: morte de criança negra negligenciada pela patroa branca de sua mãe choca o Brasil. **El País Brasil**, São Paulo, 4 jun. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-04/morte-de-crianca-negra-negligenciada-pela-patroa-branca-de-sua-mae-choca-o-brasil.html. Acesso em: 23 mar. 2026.

MARTINEZ, Felipe. Brasil tem superlotação carcerária de 166% e 1,5 mil mortes em presídios. **Boletim de Notícias Conjur**, 22 ago. 2019. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2019-ago-22/brasil-lotacao-carceraria-166-15-mil-mortes-presidios. Acesso em: 20 mar. 2026.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244
v. 12, n. 2, maio.-ago. 2026
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno**. [*S. l.*]: Cosa Nostra, 1997. 1 CD.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. Haiti. *In*: VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. **Tropicália 2**. [*S. l.*]: WEA, 1993. 1 CD, faixa 1.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.559
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional